

Rachel Tegon de Pinho

A cidade onde envelheço

**Meu quintal é maior
Do que o mundo**

*Manoel de Barros,
em O Apanhador de Desperdícios, 2015*

Neste texto¹ tomo por empréstimo o título e algumas questões abordadas no filme *A cidade onde envelheço*, para refletir sobre as relações entre memória e cidade, tema este que há muito desperta o meu interesse e o de pesquisadores de várias áreas, sobretudo no campo das humanidades.

O filme, uma produção Brasil / Portugal de 2016, é um convite para percorrer uma cidade por meio da intimidade cotidiana de duas estrangeiras e traz à tona várias questões relacionadas ao humano e ao urbano: amizade, saudade, novidade, afetos, experiências, lembranças, estrangeirismos e pertencimento e, ainda, encontro, de-

sencontro, conflito, solidão, liberdade e busca. Estas questões evidenciam a multiplicidade contida nas cidades e na relação desta com o eu e na subjetivação presente nesta relação.

Assisti ao filme, numa noite de verão, há pouco mais de um ano num cinema quase vazio de minha cidade, embalada em algumas cenas pela música *Soluços*, de Jards Macalé. Ao sair do cinema, a parte central da cidade ficou totalmente às escuras, e essa escuridão engoliu os prédios da porção central de Cáceres (MT), cidade onde passei minha adolescência e que posteriormente escolhi viver, no final dos anos 1990, transformando, ainda que momentaneamente, o que antes era familiar num lugar que eu não conseguia reconhecer, o que me causou um grande desconforto. Logo me dei conta que este desconforto foi provocado pelo filme rodado em Belo Horizonte, cidade onde acontece o reencontro de duas amigas de infância, ambas já adultas,

¹ A versão inicial deste texto foi apresentada na mesa redonda “Memórias e Cidade”, no II Seminário do ProfHistória e V Encontro Estadual de Ensino de História “Ensino de História, Patrimônio e Narrativas”, realizado em junho de 2018 na Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT).

onde uma delas mora e onde a outra vai passar uma temporada indefinida.

A chegada de Teresa, uma das personagens do filme, vinda de Portugal para uma terra estranha, totalmente diferente da sua pequena aldeia, me fez olhar para a minha experiência ao chegar no Rio de Janeiro para cursar os créditos do doutorado. Eu, então, seria uma recém-chegada da minha “aldeia”, uma pequena cidade fronteiriça, no coração do Pantanal. Em diversas ocasiões, nos meses em que lá estive, circulei, flanei pela capital fluminense sem destino pré-fixado, muitas vezes sob efeito de encantamento por aquela cidade tão cheia de coisas, lugares, pessoas, programas, repleta de possibilidades, mas uma terra onde eu era estrangeira. E esse “mas” não significa a sensação de encolhimento diante daquela coisa grandiosa; significa o meu não pertencimento. Nunca me senti parte integrante daquela paisagem, sempre me vi estrangeira e assim me posicionei, com o meu sotaque de paulista do interior, que de imediato denunciava o meu estrangeirismo. Por isso, no meu zigue-zague citadino, ainda sob o efeito do movimento e do devaneio, peculiaridades intrínsecas ao *flâneur* (BOLLE, 2000), havia também a busca por um ponto de apoio, ou de retorno: um banco à beira mar onde eu me refazia e me “reencontrava” na visão da água um pouquinho com parte do que eu sou e carrego comigo: o rio da minha aldeia, como disse Fernando Pessoa.

A cidade como lugar de encontros e desencontros, como lugar do encontro com o outro que não sou eu, e também como espaço de conflitos, de repulsa e também de acolhimento é nos apresentada neste filme que traz locações pouco utilizadas nos filmes, séries e novelas brasileiras. Sem glamour, *A cidade onde envelheço* tampouco traz uma história extraordinária: é uma história sobre pessoas comuns e sobre a relação cotidiana entre as mesmas e uma cidade. Penso que aí reside uma grande possibilidade para refletirmos sobre a interface entre memória e cidade, tomando como ponto de partida as concepções de cidade e memória sobre as quais se apoiam nossas reflexões.

Sobre a cidade, Ulpiano de Menezes (2009) observa que podemos pensar na mesma em diversas dimensões: artefato, campo de força e imagem. A cidade enquanto artefato, ou seja, enquanto construto humano, é o primeiro aspecto que desperta interesse, pesquisas, reflexões, debates. A esse respeito, sobre Cuiabá podemos grosso modo olhar para este artefato e visualizarmos várias temporalidades, inscritas nas suas ruas, travessas, avenidas e becos. Também podemos enxergar as inúmeras mudanças na paisagem citadina, materializadas em sua arquitetura com

estilos diversos, nos equipamentos existentes e, tal qual a arquitetura, introduzidos em diferentes contextos.

Como campo de forças, a cidade é carregada de conflitos, tensões, energias, e isto se expressa também no artefato, seja na abertura de ruas, avenidas, para aumentar o fluxo de carros, pessoas, seja nas peculiaridades dos equipamentos e serviços existentes em bairros, conforme a classe social de seus moradores ou frequentadores, ou ainda nos muros que separam os condomínios de alto padrão do resto. Aí a ideia de resto é tudo que diz respeito às margens, às sobras, no sentido negativo, e tem no muro a barreira de separação para evitar as misturas indesejáveis, num lugar onde o que mais existe é a mistura, mas onde as fronteiras são continuamente estabelecidas.

Enquanto imagem, a cidade é o sentido que atribuímos a ela e que carregamos como referência. Durante muito tempo, sobretudo a partir de 1960, Cuiabá foi identificada como cidade verde e isso nos remete a uma temporalidade distante do tempo presente e a uma imagem que não corresponde à realidade. Na parte central, ainda repleta de casarões do final dos oitocentos e primeira metade do século XX, houve um tempo em que havia grandes quintais com mangueiras e outras árvores frutíferas, como o caju, a goiaba, onde aconteciam as festas familiares, religiosas, a brincadeira do quitute das crianças e que desapareceram para dar lugar a edifícios, ou pior, para em seu lugar produzir um vazio, para servir de estacionamento de veículos. Mas ainda há na atualidade quem insista em chamá-la de cidade verde. Há ainda outras imagens, como aquelas das cadeiras nas calçadas e as rodas de conversa ao cair da tarde, as festas, a hospitalidade que fornecem outra imagem de Cuiabá, a imagem de terra hospitaleira e festeira – imagem esta construída no século XIX, por meio do relato de viajantes como Karl von den Steinen, legitimada pelos intelectuais do IHGMT e Academia Mato-Grossense de Letras e que avançou sobre o século XX. Estas são imagens que chegam até nós, como memória coletiva dessa cidade e reverberam em vários cantos da capital de Mato Grosso, como na região do porto, no centro antigo, nas bandas da igreja do Rosário e nas proximidades da Misericórdia.

A cidade é constituída também pelos deslocamentos que a sua população faz nela. Em meados dos anos 70 do século XX, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) ficava na saída de Cuiabá, e a sensação era a de uma enorme distância a ser percorrida entre esta e o centro da capital, já que no caminho entre uma e outra havia poucas edificações na avenida Fernando Corrêa, que ainda não era de pista dupla, tampouco possuía canteiro central – canteiro

este destruído pelas obras do VLT, que nunca chegou a Cuiabá, exceto para piorar as condições de trafegabilidade e drenar recursos para abastecer as contas de uns e outros. No início dos anos 1980, a praça da Mandioca era apenas um prolongamento da porção central em direção à Prainha. Hoje se tornou endereço de diversas tribos urbanas e ganhou apelidos, como Mandioca Square, ou Lapa cuiabana, que nos remetem a espacialidades famosas por simbolizarem a efervescência cultural, artística etc.

A cidade é viva porque as pessoas a fazem viver. Isso me faz pensar em Bom Sucesso, comunidade de pescadores, com uma rua principal e que fica pequena nos dias de festa de santo, tamanha a procura pela cozinha cuiabana, a base de ventrecha de pacu frita, mujica de pintado, pirão, arroz sem sal, rapadura e enormes bolos de arroz.

A cidade é ainda constituída por múltiplos fragmentos que carregamos em nossos baús de memórias, cujos significados foram atribuídos por nós, e essa é a razão pela qual nos identificamos, nos sentimos parte de determinado espaço/tempo, uma vez que estes foram tecidos por relações sociais em diversos momentos. Isso é pertencimento.

A esse respeito, alguns lugares de Cuiabá fazem com que eu me sinta em casa, como quando entro na UFMT e rememoro as centenas de vezes que fiz este caminho, a pé, de bicicleta, de ônibus ou de carro, desde a época da graduação em História, quando as aulas aconteciam no bloco de Agronomia, onde também funcionava o Núcleo de Documentação Histórica Regional (NDHIR). No bloco do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHHS), próximo a Fernando Corrêa, onde concluí minha graduação e cursei o mestrado. Com um pouco de esforço posso até ouvir os acordes dos muitos instrumentos musicais dos alunos de Artes em seus exercícios de repetição e pausa. Quando vou ao Museu Rondon, a sensação de conforto vem com força, graças às lembranças propiciadas pela acolhida sempre calorosa do Jesus, entre outros técnicos/ pesquisadores que deixaram suas marcas. Também me faz sentir em casa o sabor do bauru inconfundível do Fabico nas bandas da Prainha, ou quando eu pego o caminho do Coxipó e paro para ver a vida correr sem pressa no remanso do rio Cuiabá, numa curva do bairro São Gonçalo. Estas são algumas das minhas memórias voluntárias, acionadas num esforço das minhas lembranças, marcadas pelo afeto e, conforme Durval Muniz Albuquerque Jr. (1994, p. 40), representam “um ponto de vista sobre o real, uma singularidade num dado campo discursivo”.

E isso é completamente diferente da Cuiabá, sobre a qual eu escrevi (PINHO, 2007), baseada na in-

terpretação de registros e na manipulação de memórias que percorrem a cidade no final do século XIX, com suas ruas tortuosas, cujo traçado remonta ao período colonial, com becos, travessas, ainda repletos de nomes pitorescos, com vendedores ambulantes carregando sobre suas cabeças doces e outras iguarias, a comida de rua da época, o movimento de pessoas circulando, que aumentava em época de eleição ou ainda nas festas religiosas. Além dessa perspectiva, também apresentei uma Cuiabá disciplinar, que não é o mesmo que disciplinada, com seus regulamentos e inspetores de quarteirão, com o esquadrinhamento de toda população de sua porção urbana no primeiro e segundo distrito. E, finalmente, as ações dos intendentes municipais e inspetores de higiene empenhados em higienizar os espaços públicos e privados, normatizando condutas, determinando proibições, estabelecendo as regras do jogo do proibido, do aceitável, do civilizado, seguindo os ideais de modernização do espaço citadino vislumbrado por governantes e intelectuais e que, apesar de fracassarem em seus intentos, na maioria das vezes, conseguiram alguns triunfos, dentre os quais destaco a invenção de lugares para aprisionar os loucos pobres.

E por que essa é uma Cuiabá diferente daquela da minha memória? Por inúmeras razões. A Cuiabá que emerge no texto é construído da historiadora, a partir de um olhar de segunda mão, jamais baseado na experiência pessoal. É também interpretação, já que é a forma como você conecta os eventos, dando sentido ao que é disperso e deste modo constrói significados para algo que era fragmentado. Tem-se assim uma trama tecida a partir de escolhas, e isso se distancia, sobremaneira, da Cuiabá de minha memória e da minha relação de pertencimento, ainda que ambas tragam sons, cores, aromas e sabores.

Na Cuiabá das minhas memórias, outros são os textos que emergem, todos eles carregados do meu olhar como “pontos de interseção de várias séries ou correntes mentais aproximadas pelas relações sociais” (Albuquerque Jr., 1994, p.41) e jamais devem ser lidos ou ouvidos como alicerce da consciência individual ou coletiva. Nas palavras de Durval Muniz Albuquerque Jr. (1994, p. 41), a memória é composta por

fragmentos de múltiplas vivências e experiências ao nível individual ou coletivo que são retrabalhados neste diálogo constante entre indivíduo e sociedade, entre passado e presente. As memórias são individualização ou subjetivação e não individualidades e subjetividades.

Temos assim explicitada uma dupla relação com

a cidade: a cidade da memória e a cidade da historiadora. Numa delas, a da memória, fica o que significa. Já na cidade da história, temos a desconstrução, a desnaturalização e atribuição de novos significados. Curiosamente, na cidade onde envelheço, essa dupla relação não acontece, talvez porque a esta altura as relações estejam muito mais marcadas pelos afetos, pelas experiências. Passado e presente estão amalgamados, o que faz com que eu me sinta muito mais próxima da poesia de Fernando Pessoa e do rio da minha aldeia:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia.
 Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia.
 Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.
 O Tejo tem grandes navios e navega nele ainda.
 Para aqueles que veem em tudo o lá não está.
 A memória das Naus.
 O Tejo desce de Espanha.
 E o Tejo entra no mar em Portugal.
 Toda a gente sabe isso.
 Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia.
 Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
 Para além do Tejo há a América.
 E a fortuna daqueles que a encontram.
 Ninguém nunca pensou no que há para além do rio da minha aldeia.
 O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
 Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

Fernando Pessoa

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Violar Memórias e Gestar a História. Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. **Revista Clio** (série História do Nordeste), n.15, 1994.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamim. 2. ed. Ed. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2000.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de; ARANTES NETO, Antonio Augusto; CARVALHO, Edgard de Assis; MAGNANI, José Guilherme Cantor; AZEVEDO, Paulo Ormindio David de. A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. [Debate]. **Patrimônio: atualizando o debate**, [S.l: s.n.], 2006.
- PESSOA, Fernando/CAEIRO, Alberto. Disponível em:http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=84622 Acesso em: 22/01/2019.
- PINHO, Rachel Tegon de. **Cidade e Loucura**. EdUFMT/Central de Textos: Cuiabá/MT, 2007. ■